

**ALIENAÇÃO RELIGIOSA COMO CONTROLE SOCIAL****RELIGIOUS ALIENATION AS SOCIAL CONTROL**Haleks Marques Silva<sup>1</sup>, Geovanna Goulart<sup>2</sup> e Maria José de Pinho<sup>3</sup>**RESUMO**

Este artigo nasce dos estudos e pesquisas sobre os conceitos de religião, alienação, cultura e psicologia na disciplina de “Psicologia e Ciências da Religião”, do curso de Psicologia da Faculdade Católica Dom Orione (FACDO). Este escrito objetiva refletir e analisar aspectos da alienação no contexto religioso. A metodologia utilizada foi aquela teórica de cunho bibliográfica feita através de análises de artigos, revistas, livros e em sites especializados no assunto. Os resultados mostram a atuação da religião como fator de controle social e como atuação de falsa consciência na sociedade civil.

**Palavras-chave:** Alienação. Religião. Controle social.

**ABSTRACT**

This article is the result of studies and research on the concepts of religion, alienation, culture and psychology in the discipline of "Psychology and Religious Sciences", from the Psychology course at the Catholic Faculty Dom Orione (FACDO). This writing aims to reflect and analyze aspects of alienation in the religious context. The methodology used was that of a theoretical bibliographic nature made through analysis of articles, magazines, books and on websites specialized in the subject. The results show the role of religion as a factor of social control and as a role of false awareness in civil society.

**Keywords:** Alienation. Religion. Social control.

Data de recebimento: 05/01/2021.

Aceito para publicação: 12/02/2021.

**1 INTRODUÇÃO**

Este artigo foi idealizado a partir das aulas da disciplina de “Psicologia e Ciências da Religião” e realizado dentro do Núcleo Extensão e Iniciação Científica da Faculdade Católica Dom Orione - NEIC, junto ao Programa Institucional de Iniciação Científica – PROCIENT. Este escrito se colocou, também, como um dos pré-requisitos para a aprovação Programa Institucional de Iniciação Científica – PROCIENT.

Este trabalho tem caráter exploratório e parte da utilização de bibliografia coerente com nossa discussão e de parte da bibliografia lida na referida disciplina. Buscamos, com este artigo, desenvolver algumas ideias sobre a alienação religiosa e de como essa alienação controla o nosso meio social, atuando como falsa consciência que objetiva e legitima as relações de dominação de classe.

Assim, a justificativa de referido trabalho baseia-se na escassez de produção científica e sistemática sobre as concepções de alienação no contexto religioso na contemporaneidade, buscando-se também demonstrar conceitos fundamentais para a melhor compreensão do tema exemplificado.

**2 FENÔMENO RELIGIOSO**

Diante do novo paradigma da complexidade existente na contemporaneidade é necessário se ter uma nova visão da realidade que se baseia na consciência do estado de inter-relação e interdependência essencial de diversos fenômenos, sendo eles físicos, biológicos, psicológicos, sociais, culturais e religioso (SILVA; VILARINHO; RODRIGUES, 2018). Para Clifford Geertz (1989) a religião é um sistema de símbolos que atua para

<sup>1</sup> Faculdade Católica Dom Orione - FACDO. E-mail: halekshms@hotmail.com

<sup>2</sup> Faculdade Católica Dom Orione – FACDO. E-mail: geovannagoulartprudente@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal do Tocantins. E-mail: mjpgon@mail.uft.edu.br

estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens, através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral, vestindo essas concepções com tal aura de factualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas. Nesse sentido, conceber a religião como sistema simbólico implica dizer que esse fenômeno é inerente à cultura, ou seja, faz parte de uma resposta da sociedade frente aos desafios da História.

De acordo Peter Berger (1985) a religião age como fornecedora de sentido e construção do mundo, o homem é produto da sociedade e a sociedade é produto do homem, por meio da exteriorização, objetivação e interiorização; após o nascimento o homem precisa construir o seu próprio mundo, ou seja, o homem precisa/necessita fazer um mundo para si mesmo.

A religião sempre teve um aspecto intelectual. O crente tem ideias bem definidas sobre a humanidade e o mundo vieram a existir, sobre a divindade e o sentido da vida. Esse é o repertório de ideias da religião, que se expressam por cerimônias religiosas (ritos) e pela arte, mas em primeiro lugar pela linguagem. Tais expressões linguísticas podem ser escrituras sagradas, credos, doutrinas ou mitos (GAARDER; HELLERN; NOTAKER. 2005, p. 21).

Desse modo, o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente divergente do profano, assim o termo hierofania indica o ato da manifestação do sagrado, porém este termo não acarreta nenhuma precisão suplementar, mas sim representa apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela. Portanto poder-se-ia explicar que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas (ELIADE, 1992).

Ainda de acordo Mircea Eliade, o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo do seu desenvolvimento histórico. Dessa forma, a religião pode ser considerada um vínculo entre o mundo sagrado e o mundo profano, onde o mundo apresenta-se de tal forma que, o homem religioso ao contemplá-lo desvenda os múltiplos modos do sagrado e, por consequência, do ser. Antes de tudo, o mundo existe e possui uma estrutura considerada o cosmos, e este foi então constituído como criação, como obra dos deuses. E assim, esta obra divina guarda sempre uma transparência, ou seja, revela os múltiplos aspectos do sagrado.

Segundo Irineu Wilges (2014) a religião é o resultado de uma experiência religiosa. Sendo assim, a experiência do sagrado, que se manifesta fora da rotina e do cotidiano, e que o homem toma conhecimento desse sagrado justamente porque este aparece absolutamente diferente do profano. Consequentemente, o sagrado é um modo peculiar de conhecimento do mundo e de situar-se no mesmo, e que com a experiência do sagrado, as coisas do mundo tornam-se mais ricas de significado simbólico, assim o mundo pode tornar-se uma manifestação do sagrado. E, por fim, o homem denominado moderno sente um mal-estar diante do sagrado, preferindo então viver em um mundo dessacralizado, pois o mundo sagrado lhe aparece como mundo da ignorância.

A respeito da vida religiosa dos outros, por suas opiniões e seus pontos de vista, é um pré-requisito para a coexistência humana. Isso não significa que devemos aceitar tudo como igualmente correto, mas que cada um tem o direito de ser respeitado em seus pontos de vista, desde que estes não violem os direitos humanos básicos (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2005, p. 17).

A religião é uma instituição contemplada de doutrinas, ideologias e rituais, onde se

compreende o sagrado e o profano e onde considera a igreja como unidade social integradora e integrante. Essa divisão, separando o sagrado e o profano e mostrando que o papel da igreja como instituição é exatamente tornar o sagrado como forma pura de ritualização e de relação do sujeito com a divindade. Diante disso, a religião é a instituição que por meio de seus preceitos e valores, possibilita a “puritanidade” do rito. Assim, é desconsiderado a possibilidade do sagrado e do profano relaciona-se construindo ritos exteriores ao padrão determinado e que alimentam a própria oficialidade da igreja (DURKHEIM, 2000).

A gênese da religião é relacionada, numa etapa remota do desenvolvimento coletivo, à importância do ser humano perante a natureza, cujo os poderes o mesmo não tem controle e nem a compreensão (MARX; ENGELS, 2000).

O teórico Karl Marx (2009) vê na religião um meio para se produzir uma manipulação das classes sociais tornando-se indiscutível quando estas se abdicam de raciocinar e passam exclusivamente a seguir os dogmas religiosos. Esta é uma decorrência natural do pensamento religioso. O distanciamento das possibilidades de mudança social pela crença em ilusões gera obrigatoriamente a possibilidade de controle do comportamento dos indivíduos, onde ele afirma que o homem vive numa conjuntura que o explora e oprime, no qual uma vez inserido em tal realidade, necessita de ilusões, daí busca a religião, que então funciona como uma consciência invertida do mundo.

A angústia religiosa é, por um lado, a expressão da angústia real e, por outro, o protesto contra a angústia real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, a alma de um mundo sem coração, tal como é o espírito das condições sociais, de que o espírito está excluído. Ela é opium do povo. (MARX; ENGELS, 1975).

Nesse sentido, é que Karl Marx (2009) expõe sua colocação sobre a presença da religião nas decisões do Estado, pois, mesmo extinguindo as religiões de uma determinada sociedade, a mesma continuará no íntimo das pessoas e suas condutas sempre terão interferência por fatores religiosos. Portanto, o que se espera do cidadão é que consiga discernir suas decisões da influência de suas concepções religiosas, principalmente quando estas forem tomadas no âmbito estatal.

Desse modo a ideologia é o fenômeno pelo qual as ideias e representações que os homens possuem a respeito de suas realidades são tomadas como sendo o próprio real. Portanto, os produtos das mentes humanas, ocasionando um falseamento da realidade (MARX, 2000).

Assim, a fenomenologia propõe-se a ser ciências das essências e não de dados de fato (LIMA, 2014). Onde no meio das correntes mais influentes da filosofia do século XX, a fenomenologia se encontra entre as mais importantes.

Dessa forma, a fenomenologia busca averiguar a experiência humana de modo consistente, como uma ciência descritiva, a fim de se fazer uma reflexão possível sobre observar as coisas tal como elas se expressam e assim conseguir descrevê-las.

De acordo com Josemar Pegoretti e Leandro Almeida (2015) a dimensão de transcendência do universo incita o desejo humano de indagar explicações para a origem da nossa existência, desde sua tomada de consciência no/do mundo; desse modo, é primordial compreender o conceito de fenômeno religioso para reconhecer que na dimensão religiosa se constitui o ser, e nela fundamentam-se questões pertinentes para a explanação de alguns fenômenos existenciais.

O fenômeno religioso é universal. Em todos os tempos lugares e povos encontramos tal fenômenos, o homem é um ser religioso, a religião faz parte de sua natureza. Ele crê em Deus ou em ídolos que para si fábrica (WILGES, 2014).

Segundo Yask Silva (2012) o fenômeno religioso proporciona um sentido para o ser humano se sentir completo na sua existência, através das experiências com o sagrado, ele

se enche de um sentimento de satisfação e contentamento diante de sua finitude, assim sendo, é possível entender o papel extremamente importante que a religião desempenha frente a sociedade, sendo ela é um alicerce, onde os fundamentos da vida são plantados.

### **3 INFLUÊNCIA RELIGIOSA CAMUFLADA NO CONTROLE SOCIAL**

O ser humano desde seu nascimento se incorpora no meio social e é por meio dessa incorporação, da convivência entre seus semelhantes que ele se torna efetivamente uma pessoa humana, dessa forma, a reação desse ser humano aos variados fenômenos sociais é complexa e só poderá ser analisado se observado o ambiente onde o mesmo foi socializado. Sendo assim, conforme o indivíduo se insere progressivamente no meio social, ele passa a ser cada vez mais exigido que se assemelhe ao grupo do qual está inserido, chegando, portanto, a uma relativa padronização (ROCHA; SAMPAIO, 2016).

Neste sentido, Cláudio Souto e Solange Souto (2003) dizem que a sociedade é formada por diferentes indivíduos, que não percebem nem atuam no meio social de modo igualitário, onde tais diferenças enriquecem o todo social, mas essas diferenças não devem ultrapassar determinado ponto, pois não devem atrapalhar a coletividade.

Nem todos os indivíduos se socializam inteira ou suficientemente, com também o composto originado da combinação das diversas naturezas biopsíquicas indivíduos com o ingrediente social que a socialização lhes ajunta à personalidade é algo vário, a sociedade há de estar prevenida de que o antissocial pode ocorrer em seu seio, e prepara a prevenção de sua ocorrência com uma série de normas coatoras (MACHADO NETO, 1987, p. 165).

Na atual conjuntura da sociedade, onde a falta de perspectivas de vida do ser humano é cada vez maior, frente à massificação de valores e sentimentos (LIPOVETSKI, 2005), a religião ocupa um papel extremamente relevante para definir as diretrizes da vida de cada sujeito. A diversidade de religiões atesta a diversidade de sentimentos e pensamentos dos seres humanos, pois ela ocupa um lugar de direção na mente humana. Introjetada, ela é o juiz de nossos valores e de nossos atos, e tem a seu favor o mecanismo da consciência, a culpa que sentem seus membros ao desrespeitar seus preceitos.

De acordo com Edson Moraes (2012) às Ciências Sociais entendem que o conhecimento, os valores e as instituições religiosas são frutos dos contextos históricos e sociais sujeitas às suas dinâmicas. Todavia, as lideranças religiosas também são agentes dessa dinâmica, pois estimulam inércias ou mudanças sociais e políticas, uma vez que sugerem aos adeptos certo tipo de comportamento social. Portanto, a partir deste pressuposto, se faz necessário compreender a religião e as religiosidades a partir das relações sociais concretas, não apenas em seu aspecto fenomênico, numa tentativa de definição genérica da religião e suas expressões. É de fundamental importância analisar como a religião e as religiosidades relacionam-se com os mais diversificados setores da sociedade, principalmente nas estruturas de poder.

Dessa forma, a relação entre religião e controle social surge por meio da inserção da pessoa na sociedade e a exigência de que este ser se assemelhe ao máximo ao grupo no qual pertence, no entanto, cada ser humano é único, sendo este dotado de seus próprios desejos e sentimentos, onde o homem acaba por ver o mundo a partir do seu próprio modo. Por conseguinte, fez-se necessário a aplicação das normas, com o intuito de padronizar o comportamento dos sujeitos ao menos ao que se refere à questões da coletividade, desse modo foi originado o controle social como meio de regularizar a sociedade, entre esses controles se encontra religião (CARVALHO et al., 2020).

Já para Wilton Rocha e João Sampaio (2016) o controle social é um instrumento por meio do qual a sociedade regula e normatiza os comportamentos desejados e esperados

dos indivíduos, a fim de manter os padrões esperados para homogeneidade social, sendo que a religião atua a fim de ordenar a conduta humana. Por conseguinte, por meio da fé, com a idealização de que há algo além, uma força superior, e uma promessa de salvação depois da morte, que a mesma exerce um controle na esfera individual, onde o próprio sujeito internaliza os princípios estabelecidos pela religião ao qual pertence e se auto sanciona por sua própria consciência, ou aceita as sanções impostas por seus líderes religiosos.

Assim, o homem passa a construir representações para manifestar-se o conceito de sagrado, no qual estes conceitos e símbolos são incorporados culturalmente pela sociedade, transcende a dimensão histórica do tempo, onde formam não mais apenas símbolos, mas tomam a dimensão de sagrado, se tornando então perenes (PEGORETTE; ALMEIDA, 2015).

Segundo Émile Durkheim:

Foto social é toda maneira de agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior ou, ainda, que é geral em uma determinada sociedade, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais (DURKHEIM, 2003, p. 40).

Dessa forma, o pensador Émile Durkheim expõe que a religião é uma formadora de sujeitos capazes de se autocontrolar, no quais as cerimônias e os rituais são essenciais para manter a união entre os membros dos grupos e a religião não é apenas uma série de sentimentos e atividades, pois na verdade, ela condiciona os modos de pensar dos indivíduos nas culturas tradicionais. Isso é essencial para manter a coesão social, até mesmo das sociedades modernas, pois tais sociedades também dependem de cultos e rituais que reafirmam seus valores. Portanto, o ritual pode ser considerado um mecanismo para reforçar a integração social. Assim sendo, Émile Durkheim aponta que a função substancial da religião é a criação, o reforço e manutenção do controle social (CHARON, 1999).

Dessa forma, Carvalho et al. (2020) elucida sobre a teoria da consciência coletiva de Émile Durkheim, que relata que a sociedade só poderá ser concretizada quando uma união de indivíduos passa a criar uma representação dos ideais e valores deles como grupo, não como indivíduos, e essa consciência coletiva é exterior e hierarquicamente superior a consciência individual, onde é justamente essa superioridade coletiva que assegura a coesão social. Assim, a religião acarreta consciência coletiva por meios dos momentos em que a fortifica com a transmissão de normas, valores e comportamentos necessários para a estruturação do bem viver social e para o bom funcionamento do organismo social.

Sendo assim, os conjuntos de regras servem para que os indivíduos constituam significações para as suas atitudes perante o mundo e ao outro, portanto a religião é parte integrante e integradora da vida do ser humano, sendo tão necessária para que os sujeitos construam a visão de si perante o mundo, tornando, por conseguinte inconcebível pensar em religião dissociada da vida social.

Desse modo, Émile Durkheim (2000) compreende a religião como estruturação da consciência coletiva, pois percebe-se que as bases das representações sociais do mundo cosmológico serão universais. Assim para o mesmo autor, as cerimônias e os rituais religiosos são de caráter essencial para manter a união entre os membros do grupo, no qual a religião condiciona as formas de pensar dos sujeitos nas culturas tradicionais, sendo, portanto, essencial para manter a coesão social, até mesmo das sociedades modernas, uma vez que, tais sociedades também dependem de cultos e rituais que reafirmam seus valores, visto que o ritual pode ser considerado um mecanismo para reforçar a integração social. Portanto, a função substancial da religião na sociedade é a criação, o reforço e manutenção da assistência social.

Já na concepção de Karl Marx (2009) a religião é um meio para se empreender a manipulação das classes sociais mais desfavorecidas socialmente, tornando-se evidente quando esses indivíduos se abdicam de raciocinar e passam meramente a seguir os dogmas religiosos. Destarte, a religião é um instrumento das classes dominantes que transmite ideologias elitistas que contribuem para a manipulação das massas, assim mantendo o status quo da distribuição de renda (CHARON, 1999).

A religião não tem uma substância própria, pois é puro resultado das condições sociais fabricadas pelos homens. Esta concepção dá margem a consequências práticas, onde Karl Marx (2009) afirma que a religião desaparecerá, não terá mais razão de existir. Não como resultado de uma ação antirreligiosa, mas como efeito de uma transformação social, no qual acredita que uma vez que o homem cria as condições que fazem a religião existir, ele pode gerar uma realidade contrária (LESBAUPIN, 2003).

A crítica colheu nas cadeias as flores imaginárias, não para que o homem suporte as cadeias sem capricho e consolação, mas para que lance fora as cadeias e colha a flor viva. A crítica da religião liberta o homem da ilusão, de modo que pense, atue e configure a sua realidade como homem que perdeu as ilusões e reconquistou a razão, a fim de que ele gire em torno de si mesmo e, assim, à volta do seu verdadeiro sol. A religião é apenas o sol ilusório que gira à volta do homem enquanto não circula em torno de si próprio (MARX, 2005, p. 27).

Dessa forma, a religião, às vezes, estabelece padrões de moralidade e conduta de difícil acesso a uma parte da população, gerando, nesse grupo, um sentimento de incapacidade e enfraquecimento moral. Sendo assim, Haleks Silva, Daniel Vilarinho e Wallace Rodrigues (2018) expõem que se partimos do pressuposto de que algo foi construído, o mesmo pode ser desconstruído de outros modos, onde se pode permitir a pensar a partir das incertezas, ao invés das certezas absolutas, ou seja, que pensar que que vivemos em um mundo sem erros e incertezas é uma mera ilusão da sociedade.

#### **4 O DISTANCIAMENTO DO INDIVÍDUO DE UMA VISÃO COERENTE DE SUA REALIDADE, EM RAZÃO DA ALIENAÇÃO RELIGIOSA**

Ao final do século XIX, o estudo acadêmico moderno da religião foi, primeiramente, proposto como um componente das recém formuladas ciências humanas, objetivando buscar, desvendar e descrever as leis universais dos comportamentos e variações da espécie humana. No entanto, embora primordialmente alguns estudos científico-sociais do fenômeno religioso tenham acolhido paradigmas científicos, tais como a evolução darwiniana de Charles Darwin, a grande maioria dos estudiosos das religiões acabou por, resolutamente, se opor a tal aproximação, rotulando qualquer abordagem científica à sua forma de inquerito como reducionista e favorecendo, por sua vez, a manutenção de suas, já pré-existentes, agendas de pesquisa muitas delas (MARTIN, 2014).

As diversas manifestações das alienações fazem com que os seres humanos não tomem consciência da sua realidade, não percebam as raízes das diversas formas de opressão existentes, o que limita a compreensão da gênese e da reprodução da dinâmica de uma sociedade dividida em classes sociais antagônicas. Sendo assim, a alienação é um fenômeno que cumpre a função social de limitar as potencialidades de conhecimento, com amplos complexos sociais que dela derivam que reproduzem diferentes graus e formas de alienação, formas essas oriundas, essencialmente, da produção e reprodução das relações sociais que ele estabelece ao longo de sua existência (BARROS; SILVA; SANTOS, 2019).

Desse modo, para Marcelo Ramiro (2015) o processo de alienação religiosa é um fenômeno recorrente, mas recebeu impulso nas últimas décadas em função da lógica do

entretenimento. Experiências religiosas foram massificadas na era da tecnologia, alcançando públicos imensuráveis com mensagens mercadológicas e ofertas atraentes de vida plena, assim por meio dessa análise, são traçados paralelos entre a mensagem como mercadoria e os fiéis como consumidores. Portanto a religião torna-se instrumento de automação do ser humano, uma vez que interfere nos processos de interiorização, na manutenção do status quo e das estruturas sociais. Ao divorciar-se de si mesmo pela alienação, o indivíduo é condicionado aos padrões da sociedade e às legitimações religiosas (CODD, 1988).

O autor Peter Berger (1985) evidenciou seus estudos os processos de exteriorização, objetivação e interiorização do ser humano no qual esses conceitos são de extrema relevância para fundamentar a compreensão da influência religiosa como promotora de silenciamento e adaptação à condição social vigente. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que o ser humano é produto da sociedade e que, da mesma forma, a sociedade é produto do ser humano. Desse modo, a religião está ativamente presente nos processos e tem o importante papel de legitimação da ordem social, onde a mesma influencia e é influenciada pela sociedade, assim, infiltrar no indivíduo, e, conseqüentemente na sociedade, valores que balizam as relações interpessoais e estruturais. São códigos que perpassam o casamento, trabalho, família e dinheiro, para citar apenas alguns exemplos. Portanto quando o processo de legitimação impulsionado pela religião promove o rompimento da relação dialética entre o ser humano e a sociedade, ocorre a alienação e, com o processo em curso o indivíduo perde a noção de que o mundo foi e continua a ser coproduzido por ele. A consciência alienada é uma consciência que não é dialética.

Segundo a perspectiva de Karl Marx o papel desempenhado pela religião é o de manter a disciplina da sociedade, servindo de ideologia para a manutenção do status quo da sociedade capitalista, sendo assim, a ordem social serve para garantir a existência coesa da vida em comunidade, para tanto, utiliza mecanismos de inserção e padronização de valores para garantir a coesão e igualdade no modo de agir e de pensar, de acordo com o papel social de cada um. Por conseguinte, se possui os mecanismos de punição aplicados aos indivíduos quando o mesmo desvia de um padrão estabelecido pela sociedade, dessa forma, uma das instâncias de controle social é a das normas religiosas. Por meio dela, a sociedade passa seus valores e padrões aos seus atores, para que eles se comportem de acordo com as expectativas dos outros. Os meios de coerção e ou premiação da religião são meramente endógenos, inerentes à consciência individual e moral de cada ser humano (CARVALHO et al, 2020).

[...] produção espiritual de um povo, como forma social da consciência, pertencente à esfera da superestrutura ideológica (como ideologia religiosa), condicionada, pois, pela produção material, pela estrutura econômica a base da sociedade, e pelas relações sociais correspondentes (CHAGAS, 2017, p. 2).

Segundo Barros, Silva e Santos (2019) a religião permite abstrair a realidade que permeia a vida dos indivíduos, ou seja, ela faz com que os seres humanos não percebam a capacidade que possuem de construir sua própria história, não busquem compreender a realidade social em que vivem, de forma racional, no modo em que é produzida a vida material. Sendo mistificadora do real, a religião oferta uma explicação e resolução das mazelas vivenciadas num plano para além do real. Assim, enquanto os indivíduos permanecem entorpecidos perante o real, a sociedade segue se reproduzindo tal qual determina sua lógica. A religião se consolidou enquanto ferramenta que mascara a essência dos problemas sociais, fazendo com que os indivíduos busquem nesse mecanismo uma saída mistificada para seus problemas.

De acordo com o filósofo Feuerbach a verdade da religião está nela na medida em

que é o comportamento do homem perante seu ser infinito, ou seja, enquanto é uma forma, embora indireta, de o homem se dar conta de sua essência. Por outro lado, a falsidade da religião está em o homem tornar independente de si mesmo o seu próprio ser infinito, separando-o e opondo-o como diferente de si, produzindo a bipolaridade Deus e homem, alienando, assim, o último, ou seja, empobrecendo-o. Assim, ao afirmar o ser do homem como infinito, o mesmo admite a unidade do infinito no finito e põe o infinito no homem e não no absoluto, ou seja, para ele, homem finito refere-se ao homem enquanto indivíduo e homem infinito à espécie, gênero, humano, humanidade. Portanto, a crítica feuerbachiana à religião representa, uma crítica ao poder da ilusão e da ideologia, uma vez que todo conteúdo humano que se realiza através da religião é aparente e ilusório, e anseia uma nova consciência humana, uma vida mais real. Ela expressa um protesto do homem oprimido impossibilitado de se realizar dentro das condições dominantes sustentadas pelo discurso religioso (ALVEZ, 2010).

Sendo assim, acordo com a óptica cognitiva, o comportamento religioso é derivado do mesmo repertório básico de condutas comuns humanas pressuposto por ideias contra intuitivas que, por sua vez, são produtos naturais da cognição humana. A rápida absorção de tais comportamentos e concepções, desde uma idade muito precoce, atesta por tal “naturalidade”, ou seja, pela facilidade cognitiva por meio da qual são produzidos e pela rapidez do acolhimento cognitivo de (e, até mesmo, do comprometimento com) suas avaliações e manipulações culturais, dessa forma, por meio dessa espontaneidade, é improvável que a religiosidade acabe por sumir das atividades e ideias humanas (SILVA; SANTOS, 2017).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos na contemporaneidade em nossa sociedade uma busca pelo transcendente, onde o número de religiões e correntes espirituais tem crescido exacerbadamente. Hoje se promete tudo e ao mesmo tempo nada, as pessoas podem escolher o lugar em que elas se sentirem melhor sem comprometimento. Muitos fazem da religião de um esconderijo, um abrigo, através do qual elas podem negar ou esconder suas misérias, já outros indivíduos a fazem como instrumento de exploração financeira ou emocional. Nesse sentido, podemos dizer que o filósofo Karl Marx estava coerente ao afirmar que a religião é alienação, narcótico espiritual. O homem cria uma falsa ideia de Deus e passa a acreditar que de fato ele existe. Projeta na maioria das vezes sua própria consciência e cria uma ideologia escravizante, que tiraniza o homem em vez de libertá-lo. São exemplos disso os fanatismos e o fundamentalismo.

Dessa forma, a religião não atua num vácuo histórico, mas está inserida numa realidade que está situada em um contexto humano social determinado. Ela não surge como algo sobrenatural, sendo fruto de ações humanas socialmente situadas, ou seja, “a ação de qualquer religião está limitada pelo contexto social que opera.

Portanto, ao mesmo tempo em que vivemos está busca pelo transcendente, estamos em uma crise. Infelizmente as ditas religiões e correntes espirituais não libertam, mas aprisionam o homem em duras cadeias, apresentando ora um deus materialista, em que somente os que possuem bens são agraciados, ora espiritualista demais, em que a matéria e a vida terrena devem ser deixadas de lado, tendo em vista a eternidade. De fato, a natureza divina varia de acordo com a necessidade daqueles que a adoram.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Wodson Vieira. A crítica Feuerbachiana da religião: um contributo à compreensão do conceito de alienação religiosa. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, p. 71-76,



Maio. 2010.

BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

BARROS, Albani; SILVA, Natanna Santos; SANTOS, Rejane Farias. Apontamento sobre a crítica de alienação religiosa. **Ciências Humanas e Sociais Alagoas**, v. 5, n. 2, p. 103-116, Maio. 2019.

CARVALHO, Anna Karoline Cavalcante et al. A religião como forma de controle social. **Revista Humanidade e Inovação**, v.7, n.2, 2020.

CHAGAS, Eduardo. A crítica da religião como crítica da realidade social no pensamento de Karl Marx. **UNESP**, v. 40, n. 4, p. 2, out.- dez. 2017.

CHARON, Joel. **Sociologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.

CODO, Wanderley. **O que é Alienação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2003, p. 40.

EDSON, Elias de Moraes. O poder da influência religiosa: uma análise de discurso acerca das eleições presidenciais de 2010. **XIII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões**, São Luís, maio -jun, 2012.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Notaker. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

LESBAUPIN, Ivo. “Marxismo e religião” In: TEIXEIRA, Faustino. **Sociologia da Religião: Enfoques Teóricos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LIMA, Antônio Balbino Marçal. **Ensaio sobre fenomenologia**: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty. Ilhéus: Eaitus, 2014.

LIPOVETSKI, Gilles. **A era do Vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri: Manole, 2005.

MACHADO NETO, Antônio Luís. **Sociologia geral jurídica**. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 1987, p. 165.

MARTIN, Luther. **Deep history, secular theory**. Berlin: De Gruyter, 2014.

MARX, Karl. **As teses sobre Feuerbach**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 27.

\_\_\_\_\_. **A questão judaica**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Sobre a Religião**. Lisboa: Edições 70, 1975.

\_\_\_\_\_. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PEGORETTI, Josemar Francisco; ALMEIDA, Leandro. A compreensão dos conceitos de fenômenos religiosos em Eliade e Durkheim. **Revista eletrônica de teologia e ciências das religiões**, Vitória, v.3, p. 26-38, jan.-jun., 2015.

RAMIRO, Marcelo Moreira. **Religião e alienação na era do espetáculo. Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial Universidade Paulista**, São Paulo, 2015.

ROCHA, Wilton da Silva; SAMPAIO, João Marcos F. O direito e a religião como formas de controle social: socialização, intersecções e dilemas. **Revista brasileira de sociologia do direito**, v. 3, set.-dez. 2016.

SOUTO, Cláudio; SOUTO, Solange. **Sociologia do direito: uma visão substantiva**. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 2003.

SILVA, Yask Gondim. Fenômeno religioso: uma busca pela verdade. **Fragmentos da cultura**, Goiânia, v.22, n.4, p. 345-353, out.-dez., 2012.

SILVA, Haleks Marques; VILARINHO, Daniel Cervantes; RODRIGUES, Wallace. Pontos de matéria para reformar o pensamento da educação na hipermodernidade. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, ano 24, n. 72, p. 1692-1701, set.-dez., 2018.

SILVA, Thales Moreira Maia; SANTOS, Lucas Soares. Ciências cognitivas, história e o estudo comparativo das religiões: pela definição de um conceito e historicamente tangível de “religião”. **Revista dos alunos do programa de Pós-graduação em ciências da religião**, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p. 25-44, jul.-dez, 2017.

WILGES, Irineu. **Cultura religiosa: as religiões no mundo**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.